

Resistir para existir: interculturalidade e saberes decoloniais — a experiência com a aldeia Icatu e o IFSP Birigui

SANTOS, Genivaldo de Souza¹
HIDAKA, Renato Kendy¹
PEDON, Nelson Rodrigo¹
BATISTA, Wilson Roberto¹
CORRÊA, Rubens Arantes¹
ANDRADE, Analice Rodrigues¹
SILVA, Israel Cesar Dias da¹

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Birigui

Resumo

Este relato de experiência apresenta as ações desenvolvidas no projeto de extensão “Resistir para Existir: Interculturalidade e Saberes Decoloniais – Aldeia Icatu/IFSP”, promovido pelo IFSP – Campus Birigui no ano de 2024. A iniciativa, em sua sexta edição, buscou fomentar o diálogo intercultural entre a comunidade acadêmica e as etnias Kaingang e Terena, localizadas na Aldeia Icatu (Braúna/SP). A proposta articula uma perspectiva pedagógica decolonial, promovendo vivências formativas que valorizam os saberes indígenas e desafiam os paradigmas eurocêtricos tradicionais. Entre as ações realizadas destacam-se rodas de conversa, rodas literárias, oficinas de saberes tradicionais, exibição de filmes e visitas técnicas à aldeia. O projeto também fomentou a criação da rede “Amigos da Aldeia”, promovendo solidariedade e apoio mútuo. A fundamentação teórica se apoia em autores como Rodolfo Kusch, Catherine Walsh, Paulo Freire e Ailton Krenak, estabelecendo uma crítica ao epistemicídio e ao colonialismo presente nos currículos escolares. Os resultados demonstraram significativo impacto na formação crítica dos estudantes e na valorização das culturas indígenas. Este relato reafirma o papel da extensão como espaço privilegiado para experiências pedagógicas emancipatórias e interculturais.

Palavras-chave: interculturalidade; decolonialidade; saberes indígenas; extensão; IFSP.

Abstract

This experience report presents the actions carried out in the extension project “Resistir para Existir: Interculturality and Decolonial Knowledge – Aldeia Icatu/IFSP”, promoted by IFSP – Campus Birigui in 2024. Now in its sixth edition, the project aimed to foster intercultural dialogue between the academic community and the Kaingang and Terena ethnic groups of Aldeia Icatu (Braúna/SP). The initiative adopts a decolonial pedagogical perspective, promoting formative experiences that value indigenous knowledge and challenge Eurocentric paradigms. Activities included discussion circles, literary gatherings, traditional knowledge workshops, film screenings, and technical visits to the village. The project also encouraged the creation of the “Friends of the Village” network to promote solidarity. Theoretical grounding

draws on authors such as Rodolfo Kusch, Catherine Walsh, Paulo Freire, and Ailton Krenak, critically addressing epistemicide and colonialism in education. The results showed a significant impact on students' critical formation and on the appreciation of indigenous cultures. This report reaffirms the role of extension projects as privileged spaces for emancipatory and intercultural pedagogical practices.

Keywords: Interculturality; Decoloniality; Indigenous Knowledge; Extension; IFSP.

Introdução

A Aldeia Icatu, situada no município de Braúna, na região administrativa de Araçatuba (SP), permanece amplamente desconhecida por grande parte da população local e das cidades vizinhas. Criada ainda na década de 1910, sua presença histórica e cultural contrasta com a invisibilidade a que foi submetida ao longo do tempo, reflexo direto dos processos de colonização e neocolonização que moldaram o imaginário social, relegando os povos indígenas à condição de sujeitos periféricos ou pertencentes a um passado extinto. Tal apagamento simbólico e político sustenta-se em estruturas que continuam a produzir o desconhecimento e o distanciamento em relação à alteridade indígena.

Diante desse cenário, o projeto de extensão “Resistir para Existir: Interculturalidade e Saberes Decoloniais – Aldeia Icatu/IFSP” propôs-se a romper com os silêncios históricos e promover o encontro entre culturas por meio de ações educativas, dialógicas e formativas. Ao longo de suas seis edições, o projeto tem afirmado o compromisso do IFSP – Campus Birigui com práticas pedagógicas que desafiam o colonialismo epistêmico e político ainda vigente nas instituições de ensino.

O eixo central da iniciativa é a construção de espaços de escuta e partilha de saberes entre estudantes, docentes, lideranças indígenas das etnias Kaingang e Terena e a comunidade local, fomentando o reconhecimento da pluralidade epistêmica e o respeito às tradições culturais. Mais do que aproximar mundos, trata-se de criar vínculos e horizontes compartilhados de conhecimento, a partir de uma pedagogia que reconhece o território, valoriza os saberes ancestrais e fortalece as práticas de resistência dos povos originários.

Fundamentação Teórica

A proposta do projeto se ancora em uma concepção de interculturalidade crítica, conforme defendida por Catherine Walsh (2012), que compreende o diálogo entre culturas não como mera convivência pacífica ou respeito liberal à diversidade, mas como enfrentamento às estruturas de dominação racial-colonial presentes no tecido social. Nesse sentido, o projeto assumiu o desafio de promover um giro decolonial no campo da educação, superando a reprodução do conhecimento eurocentrado e valorizando saberes tradicionalmente invisibilizados.



Rodolfo Kusch (1976; 2000a) é referência central na fundamentação teórica, ao propor a distinção entre as categorias de “ser” (típica da ontologia europeia) e “estar” (como raiz da existência indígena e latino-americana). O “estar” expressa um modo de vida enraizado no território, nas relações com a natureza e nas dimensões espirituais da existência. Ao reconhecer esse paradigma, o projeto buscou colocar em prática uma epistemologia do “estar” como forma de escuta, presença e reconhecimento do Outro.

Complementarmente, autores como Ailton Krenak (2019), Paulo Freire (1987), Boaventura de Sousa Santos (2007) e Raoni Jardim (2018) fundamentam a defesa da valorização das vozes indígenas e a urgência de uma ecologia de saberes, desafiando o epistemicídio promovido pela lógica moderna-colonial. Essas referências foram mobilizadas para sustentar ações que resgatem vínculos ancestrais, espiritualidade, oralidade e modos alternativos de produção de conhecimento.

Metodologia

A metodologia do projeto partiu de um planejamento colaborativo entre a equipe executora do IFSP-Birigui e as lideranças indígenas da Aldeia Icatu. Iniciou-se com visitas técnicas à aldeia para escuta ativa e definição de um cronograma conjunto de atividades. O projeto se desenvolveu ao longo do ano letivo de 2024, com ações mensais, presenciais e remotas, articuladas ao calendário acadêmico do campus.

As atividades incluíram: rodas literárias com textos acadêmicos e literatura indígena; exibição de filmes com temáticas originárias; debates com convidados e lideranças; oficinas culturais sobre pintura corporal, artesanato e saberes tradicionais; além de uma visita técnica de estudantes à aldeia. Também foi criada a rede “Amigos da Aldeia”, como estratégia de articulação de apoios e solidariedade, culminando em uma ação de arrecadação de alimentos após um incêndio que devastou 98% do território da comunidade.

As participação dos estudantes foi incentivada por meio de atividades avaliativas integradas ao currículo, uso de mídias sociais para divulgação e certificação para os que obtiveram frequência igual ou superior a 75%.

Descrição da Experiência Vivida

O projeto “Resistir para Existir” foi desenvolvido entre abril e dezembro de 2024, por meio de um conjunto articulado de ações que conectaram a comunidade acadêmica e a Aldeia Icatu. Ao longo do período, diversas atividades ocorreram no campus do IFSP-Birigui e na própria aldeia, envolvendo estudantes do ensino médio e superior, servidores, lideranças indígenas e membros da comunidade externa. Dentre as principais ações realizadas, destacam-se:

Rodas literárias com a participação de professores e convidados externos, como o professor Renato Lanza, cuja dissertação sobre a Aldeia Icatu foi debatida com os estudantes; Exposições culturais com artesanato produzido por mulheres das etnias Kaingang e Terena; Oficinas de pintura corporal com grafismos típicos, conduzidas pelas próprias indígenas, criando um espaço simbólico de valorização da estética ancestral; Exibição de filmes como “Terra Vermelha” e “O Abraço da Serpente”, seguidos de debates com foco em ancestralidade, epistemicídio e resistência; Rodas de conversa com base em textos como Futuro Ancestral (Krenak) e o artigo “Mulheres e crianças Kaingang da Aldeia Icatu”, promovendo discussões críticas sobre a figura do Outro; Visita à Aldeia Icatu, que contou com a participação de estudantes selecionados por meio de uma gincana cultural, promovendo uma experiência de imersão e vivência intercultural; Ação solidária “Amigos da Aldeia”, que arrecadou aproximadamente 150 kg de alimentos e produtos de higiene para a aldeia após o incêndio que atingiu 98% de seu território. Essas atividades promoveram o protagonismo indígena, a valorização de seus saberes e a desconstrução de estereótipos, possibilitando uma vivência pedagógica ampliada, sensível e crítica.

Análise Crítica

A experiência proporcionou importantes aprendizados tanto para a comunidade acadêmica quanto para os participantes da Aldeia Icatu. Em primeiro lugar, destacou-se a potência da educação intercultural crítica como ferramenta de transformação social, sensibilizando estudantes para realidades historicamente marginalizadas e promovendo o reconhecimento de outras formas de produzir conhecimento.

As avaliações coletivas e as rodas de autoavaliação semestrais revelaram um engajamento crescente dos estudantes e um amadurecimento nas práticas extensionistas da instituição. O projeto também evidenciou a importância da escuta ativa e do planejamento conjunto com os povos indígenas, respeitando suas temporalidades, práticas e prioridades.

A inserção do projeto em eventos como o CONEMAC e a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia possibilitou a disseminação das ações e a ampliação de parcerias. A articulação entre teoria e prática, tradição e tecnologia, ancestralidade e juventude, posicionou o projeto como referência em ações interculturais no interior paulista.

Por outro lado, também foram observados desafios, como a limitação orçamentária, a dificuldade logística para deslocamento de lideranças indígenas e a necessidade de ampliar a participação discente. Esses obstáculos, no entanto, serviram como elementos de reflexão e aprimoramento para futuras edições.



Considerações Finais

O projeto “Resistir para Existir” reafirmou a importância da extensão como espaço privilegiado para o exercício da alteridade, da escuta e da construção coletiva de conhecimento. Em tempos de negacionismo e esvaziamento da diversidade cultural, a presença das etnias Kaingang e Terena no IFSP-Birigui atuou como força vital contra o apagamento histórico.

A experiência mostrou que o diálogo intercultural é possível e necessário, especialmente quando sustentado por práticas pedagógicas decoloniais e colaborativas. A constituição da rede “Amigos da Aldeia” e a abertura do campus para atividades com lideranças indígenas fortaleceram vínculos duradouros e simbólicos entre as comunidades envolvidas.

Dessa forma, o relato aqui apresentado se propõe a inspirar outras instituições a realizarem projetos semelhantes, que promovam uma educação comprometida com a justiça social, com a valorização das raízes ancestrais e com a reconstrução de um Brasil mais plural, democrático e solidário.

Referências

BALLESTRINI, Luciana. Para transcender a colonialidade. IHU – Revista do Instituto Humanitas – Unisinos, Edição 431, nov. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2VpSxgb>.

COELHO, Maria Josefina . O fedor da América profunda: Rodolfo Kusch e o dilaceramento em Josefina Plá (1903–1999). Boitatá, Londrina, n. 22, jul./dez. 2016.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. FLEURI, Reinaldo Matias. Aprender com os povos. R. Educ. Públ. Cuiabá, v. 26, n. 62/1, p. 277–

294, maio/ago. 2017.

JARDIM, Raoni Machado Moraes. Educação intercultural e o Projeto Encontro de Saberes: do giro decolonial ao efetivo giro epistêmico. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade de Brasília, 2018.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. KUSCH, Rodolfo. Geocultura del hombre americano. Buenos Aires: Fernando Garcia Cambeiro, 1976.

KUSCH, Rodolfo. América profunda. In: Obras completas. Tomo II. Córdoba: Editorial Fundación Ross, 2000a.

LANZA, Renato Felix. Aldeia Icatu: os Terena no Oeste paulista e as ligações com o Mato Grosso do Sul. Anais do 30º Simpósio Nacional de História. Recife: ANPUH, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3V7vMiR>.

PIZA, Suze. O paradoxo de Hegel: liberdade e escravidão nas colônias. *Revista Eletrônica Estudos Hegelianos*, v. 16, n. 27, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 79, nov. 2007.

SILVA, Thais Regina Mantovanelli da. Crianças invisíveis da Reserva Aldeia Icatu/SP. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, 2011.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y (de)colonialidad: Perspectivas críticas y políticas. *Visão Global, Joaçaba*, v. 15, n. 1–2, p. 61–74, jan./dez. 2012.